

Olá,

A Mundo da Monografia disponibiliza para você alguns trabalhos prontos, assim é possível tirar dúvidas e estudar os temas de trabalhos mais frequentes nas universidades brasileiras.

Mas, lembre-se: Os arquivos disponíveis no site para download são exclusivamente para **estudo e apoio acadêmico**. Não recomendamos e somos contra o uso desses conteúdos como se fossem seus, é expressamente proibido o seu uso por alunos em suas respectivas entidades de ensino.

O material é de uso livre como base de estudo para quem está com dúvidas, o seu uso indevido será de inteira responsabilidade daquele que utilizá-los.

Desenvolvimento Sustentável:

A sua importância e principais ferramentas de avaliação

RESUMO

Na atualidade, o termo desenvolvimento sustentável é citado com frequência pelo governo, empresas e pela própria sociedade. Compreender a origem desse termo e o mais recente debate do assunto envolvendo indicadores de sustentabilidade são importantes para uma noção ampla de tudo aquilo que o envolve. A trajetória teórica do conceito desenvolvimento econômico, por um lado, e a evolução da preocupação envolvendo a relação da economia com o meio ambiente ao longo dos últimos séculos, pelo outro, constituem a base sobre a qual se originou esse termo. Dessa forma, é possível entender de que forma a preocupação evoluiu a ponto de influenciar o surgimento do termo desenvolvimento sustentável que engloba a teoria do desenvolvimento e o atual conceito de sustentabilidade. O principal desafio dentro deste assunto consiste na elaboração de indicadores que sirvam como ferramentas de avaliação, sendo de grande importância para a consolidação do desenvolvimento sustentável como uma nova teoria de desenvolvimento econômico.

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável. Sustentabilidade. Desenvolvimento econômico.

ABSTRACT

Nowadays, the term sustainable development is often mentioned by government, business and the society itself. Understanding the origin of this term and the latest subject of debate involving sustainability indicators are important to a broad notion of all that surrounds it. The theoretical trajectory of economic development concept, on the one hand, and the evolution of concern involving the relationship of the economy to the environment over the past few centuries, on the other, are the basis on which originated this term. Thus, it is possible to understand how the concern has evolved to the point of influencing the emergence of the term sustainable development encompassing development theory and the current concept of sustainability. The main challenge in this matter is the development of indicators as evaluation tools, is of great importance for the consolidation of sustainable development as a new theory of economic development.

Keywords: Sustainable development. Sustainability. Economic Development.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	**
2 DESCRIÇÃO DAS FERRAMENTAS.....	**
2.1 O <i>Ecological Footprint Method</i>	**
2.1.1 Histórico.....	**
2.1.2 Fundamentação Teórica-Empírica.....	**
2.1.3 Conceito de Desenvolvimento Sustentável.....	**
2.2 O <i>Dashboard of Sustainability</i>	**
2.2.1 Histórico.....	**
2.2.2 Fundamentação Teórica-Empírica.....	**
2.2.3 Conceito de Desenvolvimento Sustentável.....	**
2.3 O <i>Barometer of Sustainability</i>	**
2.3.1 Histórico.....	**
2.3.2 Fundamentação teórica.....	**
2.3.3 Conceito de Desenvolvimento Sustentável.....	**
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	**
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	**
REFERÊNCIAS.....	**

1 INTRODUÇÃO

O final do século XX presenciou o crescimento da consciência da sociedade em relação à degradação do meio ambiente decorrente do processo de desenvolvimento. O aprofundamento da crise ambiental, justamente com a reflexão sistemática sobre a influência da sociedade neste processo, conduziu a um novo conceito — o de desenvolvimento sustentável. Este conceito alcançou um destaque inusitado a partir da década de 1990, tornando-se um dos termos mais utilizados para se definir um modelo de desenvolvimento. Esta crescente legitimidade do conceito não veio acompanhada, entretanto, de uma discussão crítica consistente a respeito do seu significado efetivo e das medidas necessárias para alcançá-lo. Na medida em que não existe consenso relativo sobre o conceito, observa-se uma disparidade conceitual considerável nas discussões referentes à avaliação da sustentabilidade do desenvolvimento.

Existem uma série de ferramentas ou sistemas que procuram avaliar o grau de sustentabilidade do desenvolvimento, porém não se conhecem adequadamente as características teóricas e práticas destas ferramentas. Este trabalho procura colaborar na tarefa de aprofundar a discussão sobre a sustentabilidade e sua avaliação. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar comparativamente as principais ferramentas que pretendem mensurar o grau de sustentabilidade do desenvolvimento. Para se alcançar este objetivo, elaborou-se, primeiramente a partir de pesquisa documental e bibliográfica, uma lista com os principais sistemas indicadores de sustentabilidade que vêm sendo desenvolvidos e utilizados atualmente. Serão apresentadas as três principais ferramentas de avaliação de sustentabilidade, na percepção de especialistas da área.

Este trabalho de conclusão aborda, de forma individual, cada uma das ferramentas selecionadas para realização de análise comparativa. O objetivo principal nesta etapa é fornecer uma descrição detalhada das metodologias escolhidas, procurando analisar os diferentes sistemas de indicadores a partir de três aspectos principais:

- Histórico: que descreve a origem da ferramenta, sua história e as instituições e pessoas envolvidas no seu desenvolvimento.
- Fundamentação Teórica — Empírica: com a descrição do método, seu

funcionamento, suas características, as vantagens e desvantagens da ferramenta de avaliação.

- Considerações críticas acerca da ferramenta de avaliação: onde se procura construir uma visão crítica da ferramenta, visando observar os conceitos principais que a fundamentam, especialmente, o conceito de desenvolvimento sustentável.

A descrição e a análise das ferramentas selecionadas foram realizadas através de pesquisa documental. Esta parte inicial, que descreve e analisa as ferramentas a partir das três dimensões anteriores, utilizou-se principalmente de textos e trabalhos oriundos dos institutos e dos autores que desenvolveram as metodologias observadas. A última parte deste trabalho traz consigo algumas considerações importantes sobre os métodos estudados e sobre a etapa final que trata de sua análise comparativa.

2 DESCRIÇÃO DAS FERRAMENTAS

2.1 O *Ecological Footprint Method*

2.1.1 Histórico

Dentre os métodos selecionados para realizar esta análise comparativa, um dos grandes destaques foi o *Ecological Footprint Method*. O lançamento do livro *Our Ecological Footprint*, de Wackernagel e Rees (1996), um trabalho pioneiro sobre este sistema, marca definitivamente a utilização desta ferramenta para medir e comunicar o desenvolvimento sustentável. Embora este trabalho não seja o primeiro que aborde explicitamente este conceito, foi ele que marcou o início de diversos trabalhos de pesquisadores e organizações no desenvolvimento desta ferramenta. Uma obra mais recente, *Sharing Nature's Interest*, também de Wackernagel e com a contribuição de Chambers e Simmons (2000), traz o resultado do aumento de interesse sobre esta ferramenta com a contribuição de mais de 4.000 *websites* que tratam da utilização deste sistema para as mais diferentes aplicações.

A descrição do método, bem como das suas bases teóricas, deriva

basicamente das ideias destes autores e das principais publicações sobre a ferramenta. A descrição e a análise foram realizadas a partir dos pressupostos que os autores do método assumem quando procuram explicar seu funcionamento e responder a algumas críticas a seu respeito. A grande quantidade de informações e as várias aplicações da ferramenta para diferentes sistemas explicam o alto grau de reconhecimento obtido pelo método.

2.1.2 Fundamentação Teórico-Empírica

Os mais variados especialistas da área de meio ambiente afirmam que uma ferramenta de avaliação pode ajudar a transformar a preocupação com a sustentabilidade em uma ação pública consistente. A ferramenta proposta por Wackernagel e Rees (1996) é denominada *Ecological Footprint Method*, termo que pode ser traduzido como "pegada ecológica" e que representa o espaço ecológico correspondente para sustentar um determinado sistema ou unidade. Esta técnica é considerada autores como analítica quanto como educacional, sendo que ela não só analisa a sustentabilidade das atividades humanas como também contribui para a construção de consciência pública a respeito dos problemas ambientais e auxilia no processo decisório. O processo de avaliação reforça sempre a visão da dependência da sociedade humana em relação a seu ecossistema.

O *Ecological Footprint Method* é descrito pelas pessoas que o desenvolveram como uma ferramenta que transforma o consumo de matéria-prima e a assimilação de dejetos, de um sistema econômico ou população humana, em área correspondente de terra ou água produtiva. Para qualquer grupo de circunstâncias específicas, como população, matéria-prima, tecnologia existente e utilizada, é razoável estimar uma área equivalente de água e/ou terra. Portanto, por definição, o *Ecological Footprint* é a área de ecossistema necessária para assegurar a sobrevivência de uma determinada população ou sistema. O método representa a apropriação de uma determinada população sobre a capacidade de carga do sistema total (WACKERNAGEL e REES, 1996; CHAMBERS et al., 2000).

O *Ecological Footprint Method* fundamenta-se basicamente no conceito de capacidade de carga. Para efeito de cálculo, a capacidade de carga de um sistema

corresponde à máxima população que pode ser suportada indefinidamente no sistema. Entretanto, parece que esta definição não é adequada para a sociedade, uma vez que a espécie humana tem a capacidade de aumentar consideravelmente seu espaço na ecosfera através da utilização de tecnologia, eliminação de espécies concorrentes, importação de recursos escassos, entre outros. Os autores do sistema reforçam esta inadequação quando utilizam a definição de Catton (1986) que afirma que a capacidade de carga se refere especificamente à carga máxima que pode ser, segura e persistentemente, imposta ao meio ambiente pela sociedade. Para os autores do sistema, a carga não é apenas decorrente da população humana mas também da distribuição per capita do consumo desta população. Como resultado desta distribuição, a pressão relativa sobre o meio ambiente está crescendo proporcionalmente de forma mais rápida do que o crescimento populacional.

Sendo ecológica a base do desenvolvimento humano, o método *Ecological Footprint* reforça a necessidade de introduzir a questão da capacidade de carga na sociedade. Entretanto seus autores também abordam, em suas obras, alguns pontos críticos do sistema. A carga imposta por uma população varia em função de diversos fatores como: receita média, expectativas materiais e nível de tecnologia, isto é, energia e eficiência material. De fato, a capacidade de carga imposta é uma função tanto de fatores culturais como da produtividade ecológica. O ser humano, além de seu metabolismo biológico, possui um "metabolismo" industrial e cultural. O método *Ecological Footprint* supera esta limitação, invertendo a interpretação tradicional do conceito de capacidade de carga. O método não procura definir a população para uma determinada área geográfica em função da pressão sobre o sistema, mas, sim, calcular a área requerida por uma população de um determinado sistema para que esta população se mantenha indefinidamente.

Resumidamente, este método consiste em definir a área necessária para manter uma determinada população ou sistema econômico indefinidamente, fornecendo:

- a) energia e recursos naturais e
- b) capacidade de absorver os resíduos ou dejetos do sistema.

O tamanho da área requerida vai depender das receitas financeiras, da tecnologia existente, dos valores predominantes dentro do sistema e de outros fatores socioculturais. O *Ecological Footprint Method* completo deve incluir tanto a

área de terra exigida direta e indiretamente para atender o consumo de energia e recursos, como também a área perdida de produção de biodiversidade em função de contaminação, radiação, erosão, salinização e urbanização (WACKERNAGEL e REES, 1996; CHAMBERS et al., 2000).

O modelo assume que todos os tipos de energia, o consumo de material e a descarga de resíduos demandam uma capacidade de produção e/ou absorção de uma área finita de terra ou água. Os cálculos desse modelo incorporam as receitas mais relevantes determinadas por valores socioculturais, tecnologia e elementos econômicos para a área estudada. O "*ecological footprint*" per capita é definido pelo somatório de área apropriada para cada bem ou produto e o "*footprint*" total, por sua vez, é obtido multiplicando o *footprint* per capita pela população total (HARDI e BARG, 1997).

O procedimento de cálculo do método é baseado na ideia de que para cada item de matéria ou energia consumida pela sociedade existe uma certa área de terra, em um ou mais ecossistemas, que é necessária para fornecer o fluxo destes recursos e absorver seus dejetos. Neste sentido, para determinar a área total requerida para suportar um certo padrão de consumo, as implicações em termos de utilização de terra devem ser estimadas. Como não é possível estimar a demanda por área produtiva para provisão, manutenção e disposição de milhares de bens de consumo, os cálculos se restringem às categorias mais importantes e a alguns itens individuais.

A estrutura básica da abordagem adota a seguinte ordem: primeiro se calcula a média anual de consumo de itens particulares de dados agregados, nacionais ou regionais, dividindo o consumo total pelo tamanho da população. Muitos dos dados necessários para esta primeira etapa estão disponíveis em tabelas estatísticas de governos ou de organizações não governamentais. O passo seguinte é determinar, ou estimar, a área apropriada per capita para a produção de cada um dos principais itens de consumo. Isto é realizado dividindo-se o consumo anual per capita (kg/capita) pela produtividade média anual (kg/ha). Os autores lembram que alguns itens de consumo incorporam diversas entradas, e a estimativa de área apropriada por cada entrada significativa torna o cálculo do *Ecological Footprint* mais complicado e também mais interessante do que aparece no conceito mais básico do sistema. A área do *Ecological Footprint* média por pessoa é calculada pelo

somatório das áreas de ecossistema apropriadas por cada item de consumo de bens ou serviços. No final, a área total apropriada é obtida através da área média apropriada multiplicada pelo tamanho da população total.

A maioria das estimativas existentes do *Ecological Footprint Method* é baseada em médias de consumo nacionais e médias mundiais de produtividade da terra. Esta é uma padronização no procedimento para que se possa efetuar e facilitar estudos de caso e comparações entre regiões e países. Os autores afirmam, porém, que análises mais sofisticadas e detalhadas, que procuram encontrar estimativas mais realistas, devem utilizar estatísticas locais ou regionais de produção e consumo. Os autores do sistema consideram adequada, no caso de cálculo para regiões menores, a utilização de dados específicos da região para que se possa comparar com os dados encontrados em levantamentos nacionais. Estes procedimentos podem revelar, através do tamanho do "*ecological footprint*", os efeitos das variações regionais dos padrões de consumo, produtividade e modelo de gestão. Estudos desse tipo também podem ajudar a identificar e eliminar erros e contradições aparentes no sistema (WACKERNAGEL & REES, 1996; CHAMBERS et al., 2000).

2.1.3 Conceito de Desenvolvimento Sustentável

Quando procuram descrever o sistema do *Ecological Footprint Method*, Wackernagel e Rees (1996) abordam a questão da relação da sociedade com o meio ambiente. Na concepção destes autores, existe atualmente um elevado grau de consenso em relação ao fato de que o ecossistema terrestre não é capaz de sustentar indefinidamente o nível de atividade econômica e de consumo de matéria-prima. Simultaneamente, o nível de crescimento econômico médio da economia avaliado pelo crescimento do PIB tem sido de 4% ao ano, o que implica um tempo estimado de 18 anos para dobrar a atividade econômica.

Para os autores da ferramenta, a base do conceito de sustentabilidade é a utilização dos serviços da natureza dentro do princípio da manutenção do capital natural, isto é, o aproveitamento dos recursos naturais dentro da capacidade de carga do sistema. Na perspectiva dos autores do *Ecological Footprint Method*, o

modelo atual de desenvolvimento é autodestrutivo e as diversas iniciativas para modificar este quadro não têm sido suficientemente efetivas para reverter o processo de deterioração global. Enquanto isso, a pressão sobre a integridade ecológica e a saúde humana continua aumentando. Neste sentido, iniciativas mais efetivas para alcançar a sustentabilidade são necessárias, incluindo-se o desenvolvimento de ferramentas que estimulem o envolvimento da sociedade civil e que avaliem as estratégias de desenvolvimento, monitorando o progresso (WACKERNAGEL E REES, 1996; CHAMBERS et al., 2000).

Para seus autores, o *Ecological Footprint* reflete a realidade biofísica. Eles reafirmam que o método mostra uma natureza finita e que o sonho do crescimento ilimitado não é realizável. Advertem ainda que, apesar de atrativa, a visão do crescimento sem limites pode destruir a espécie. O método proposto pelos autores provoca o reconhecimento de que a sociedade enfrenta atualmente um desafio, torna este desafio aparente e direciona a ação para alcançar padrões de vida mais sustentáveis. Na perspectiva da ferramenta de avaliação, o primeiro passo para um mundo mais sustentável é aceitar as restrições ecológicas e os desafios socioeconômicos que estas restrições exigem.

Segundo Chambers (CHAMBERS et al., 2000) a maioria das análises considera o meio ambiente como externo, separado das pessoas e do mundo do trabalho, um fato decorrente de herança cultural e ética. Os autores partem de uma perspectiva diferente, afirmando que o mundo natural não pode ser separado do mundo do trabalho. Em termos de fluxo de matéria e energia, simplesmente não existe o termo externo, sendo que a economia humana nada mais é do que um subsistema da ecossfera, uma das premissas básicas do sistema, segundo os autores. A sustentabilidade exige que se passe da gestão dos recursos para a gestão da própria humanidade. Se o objetivo é viver de uma maneira sustentável, deve-se assegurar que os produtos e processos da natureza sejam utilizados numa velocidade que permita sua regeneração. Apesar das tendências de destruição do sistema de suporte, a sociedade opera como se este sistema fosse apenas uma parte da economia.

Para Wackernagel & Rees (1996), a confusão envolvendo o conceito de desenvolvimento sustentável não é totalmente inocente; de alguma maneira, para estes autores, esta discussão reflete os conflitos de interesse acerca do tema. Eles

argumentam que a sustentabilidade é na verdade um conceito simples, ao menos conceitualmente, e ponderam que as implicações do modelo *Ecological Footprint Method* podem ajudar a entender pelo menos as necessidades ecológicas para se alcançar uma sociedade sustentável.

A interpretação dos autores para a definição de desenvolvimento sustentável, encontrada no Relatório Brundtland, é que o imperativo econômico convencional, maximização da produção econômica, deve ser restringido em favor dos imperativos sociais (minimização do sofrimento humano atual e futuro) e ecológicos (de proteção da ecosfera). O desenvolvimento sustentável depende então de reduzir a destruição ecológica, principalmente através da diminuição das trocas de energia e matéria-prima dentro da economia. Neste sentido, a sustentabilidade para os autores se assemelha à proposta do *Material Inputs per Service* (MIPS), de desmaterialização da economia e do aumento da qualidade de vida, principalmente para a maioria mais pobre do mundo. Pela primeira vez o meio ambiente e a equidade se tornam fatores explícitos dentro da questão do desenvolvimento.

A sustentabilidade requer um padrão de vida dentro dos limites impostos pela natureza. Utilizando uma metáfora econômica, deve se viver dentro da capacidade do capital natural. Embora o capital natural seja fundamental para a continuidade da espécie humana sobre a Terra, as tendências mostram uma população e consumo médio crescentes, com decréscimo simultâneo deste mesmo capital. Estas tendências levantam a questão de quanto capital natural é suficiente ou necessário para manter o sistema. A discussão destas diferentes possibilidades é que origina os conceitos de sustentabilidade forte e fraca.

O núcleo da sustentabilidade se encontra, para os adeptos do sistema *Ecological Footprint Method*, na possibilidade da produção da natureza ser suficiente para atender às demandas presentes e futuras e para manter a economia indefinidamente. O problema, segundo eles, é que, convencionalmente, no modelo econômico os fatores de produção podem ser substituídos uns pelos outros, a escassez de um fator leva à substituição por outro, indefinidamente, e a noção de limitação é completamente ignorada. A análise é baseada num fluxo circular de trocas.

Uma das vantagens destacadas pelos autores do sistema é sua adequação às leis da física, especialmente às leis de balanço de massa e energia da

termodinâmica. Para Wackernagel & Rees (1996) a sociedade deve atentar para o conceito da segunda lei da termodinâmica. Uma outra vantagem apresentada pelo método é sua adaptabilidade às condições locais. Os autores colocam que não adianta apenas utilizar o fluxo de energia global, por exemplo do sol, por metro quadrado, quando esta energia é diferentemente aproveitada nos diferentes sistemas da ecossfera. A questão ecológica fundamental que se coloca dentro do desenvolvimento sustentável é se os estoques de capital natural serão suficientes para atender esta demanda antecipada de recursos. E, para os defensores do *Ecological Footprint Method*, este sistema aponta para esta questão diretamente, fornecendo um meio de comparação da produção do sistema da ecossfera com o consumo gerado dentro da esfera econômica. Ele indica onde existe espaço para maior crescimento econômico ou onde as sociedades extrapolaram a capacidade de carga (WACKERNAGEL e REES, 1996; CHAMBERS et al., 2000).

Apesar das vantagens enumeradas anteriormente, muitos críticos consideram o sistema pouco científico, sendo que modelos do tipo proposto pela ferramenta representam apenas um retrato da realidade, e a capacidade da ciência de comprovar as interações com o meio ambiente que levariam à sua degradação é limitada. Em relação a este e outros aspectos, os autores reconhecem que o modelo é limitado, representando apenas uma parcela da realidade. Entretanto, grande parte dos modelos em ciência é assim, e foi utilizada, na maioria das vezes, com sucesso. Os autores do sistema afirmam que o método subestima a área necessária para sustentar um determinado sistema. Eles consideram que ainda não existem condições de se afirmar exatamente como a natureza funciona, mas através de alguns modelos fundamentais podem-se calcular estimativas, novamente subestimadas, da carga humana sobre a ecossfera.

Bossel (1999) afirma que o *Ecological Footprint Method* captura, de maneira muito eficiente, a esfera ambiental da sustentabilidade que é afetada pela atividade econômica humana mas, para este autor, o sistema não atua na dimensão social da sustentabilidade. A ferramenta aborda apenas a questão dos recursos naturais e, embora seus autores afirmem a preocupação com a economia e a sociedade, a ferramenta não se ocupa destes campos. A maior preocupação refere-se à redução dos impactos das atividades antropogênicas (DEVELOPING IDEAS, 1997).

Uma outra limitação, segundo Hardi & Barg (1997), refere-se ao fato de o

sistema ser estático, não permitindo extrapolações no tempo. Os resultados refletem um estado atual e a ferramenta não pretende fazer extrapolações, apenas sensibilizar a sociedade. O sistema também não inclui diversas questões importantes, que muitas vezes estão diretamente relacionadas à utilização da terra, como áreas perdidas de produtividade biológica em função de contaminação, erosão e utilização urbana. O *Ecological Footprint Method* apenas considera os efeitos econômicos das decisões relativas à utilização de recursos. Estas simplificações na metodologia de cálculo muitas vezes levam a perspectivas mais otimistas do que efetivamente ocorre na realidade.

REFERÊNCIAS

BOSSSEL, H. **Indicators for Sustainable Development: Theory, Method, Application** — a report to the Balaton Group. Winnipeg: IISD, 1999.

CATTON, W. **Carrying Capacity and the Limits to Freedom**, paper prepared for the Social Ecology Session, XI *World Congress of Sociology*. New Delhi, India: August, 1986.

CHAMBERS, N.; SIMMONS, C.; WACKERNAGEL, M. **Sharing Nature's Interest: Ecological Footprints as an Indicator of Sustainability**. London: Earthscan Publications Ltd, 2000.

DEVELOPING IDEIAS. **Winnipeg**: International Institute for Sustainable Development, 1997. ISSN 1025-6636.

HARDI, P., BARG S. **Measuring Sustainable Development: Review of Current Practice**. Winnipeg: IISD, 1997.

NILSSON, J.; BERGSTRÖM, S. **Indicators for the Assessment of Ecological and Economic Consequences of Municipal Policies for Resource Use**. *Ecological Economics*, 14(3), 175-184, 1995.

PEARCE, D et al. **Environmental Economics**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1993.

PRESCOTT-ALLEN, R. **The Wellbeing of Nations: A Country-by-Country Index of Quality of Life and the Environment**. Washington: Island Press, 2001.

_____. **Assessing Progress Toward Sustainability: The System Assessment Method Illustrated by the Wellbeing of Nations**. Cambridge: IUCN, 1997.

_____. **Barometer of Sustainability: Measuring and Communicating Wellbeing and Sustainable Development.** Cambridge: IUCN, 1997.

SERAGELDIN, I.; STEER, A. **Epilogue: Expanding the Capital Stock.** In: SERAGELDIN, I.; STEER, A. (eds). **Making Development Sustainable: From Concepts to Action.** Environmentally Sustainable Development Occasional Papers 2. Washington, D. C.: The World Bank, 1994.

WACKERNAGEL, M.; REES, W. **Our Ecological Footprint.** Gabriola Island, BC and Stony Creek, CT: New Society Publishers, 1996.

Viu como é fácil desenvolver a sua monografia? Esperamos que esse material tenha sido de grande apoio às suas pesquisas, apesar de ser uma pequena prévia de um trabalho mais completo, já é de grande ajuda e dá uma ideia de como você deve fazer a sua monografia.

Se você ainda tem dúvidas, não se desespere... é normal! E melhor ainda: você pode pedir a nossa ajuda, adoráramos te ajudar.

Entre em contato conosco e conte-nos as suas dificuldades, tenha certeza que os nossos profissionais darão toda a assistência necessária para que você desenvolva a sua monografia sem maiores dificuldades.



Deseja mais auxílio na sua monografia?

Se precisar de apoio acadêmico, entre em contato com a equipe Mundo da Monografia:

Através do site: www.mundodamonografia.com.br ou pelo telefone (11) 4063-9653 — de segunda à sexta, das 10h às 18h.